



O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

Eduardo Vieira de Carvalho
Graduado em Letras – Uni-FACEF
eduardovieiracarvalho@gmail.com

Gustavo Henrique de Moraes Batista
Graduado em Letras – Uni-FACEF
moraosg631@gmail.com

Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF
anafurquim@yahoo.com

Resumo

Com ampla e plural produção, Millôr Fernandes foi um jornalista, com veia artística criativa, crítica, cômica e cética, que marcou, sobretudo, a sociedade brasileira na segunda metade do século XX. Em suas falas e escritos, Millôr criticou as instituições oficiais, como o governo militar, a família tradicional brasileira, o sistema capitalista e a grande imprensa. Ao se analisar sua produção com fundamento na teoria dialógico-discursiva proposta pelo Círculo de Bakhtin, pode-se considerá-la como um discurso profusamente dialógico que centrifuga, pelas armas da zombaria e ceticismo, os discursos oficiais, centrípetos, imbuídos de valores conservadores, demonstrando, refrativamente, suas fragilidades e hipocrisias. Ora, a síntese de seu pensamento pode ser encontrada na obra “Millôr Definitivo: a bíblia do caos” (2020), que apresenta um compilado de enunciados como um dicionário às avessas, em que as palavras não são trazidas como unidades da língua, cujos significados são estabilizados e cristalizados, mas, antes, como unidades reais da língua viva, saturadas dos valores e ideologias de Millôr, as quais entram em relações de sentido criticamente responsivas com os discursos oficiais. Objetiva-se, nesse contexto, compreender, com base nas reflexões propostas pelo Círculo de Bakhtin, o discurso crítico, de natureza cética e humorista, de Millôr Fernandes, de modo a, concebendo-o inserido na complexa cadeia comunicativa, identificar quais as relações dialógicas estabelecidas entre ele e os demais elos da corrente, entendendo, ainda, como se engendram essas relações e quais as suas naturezas. Objetiva-se, também, nessa mesma lógica, identificar como se perfazem o ceticismo, a ironia e o humor de Millôr presentes nos enunciados, bem como qual a sua importância para a promoção dos efeitos de sentido discursivos. Para tanto, como referencial teórico-metodológico, pesquisam-se as ideias de gêneros do discurso, dialogismo, refração, ideologia e estilo, a partir das reflexões do Círculo de Bakhtin, em especial, Bakhtin (2011;2014) e Volóchinov (2019), e de seus comentadores, como Brait (2012), Faraco (2009) e Miotello (2012). Trata-se, portanto, de uma pesquisa sob a perspectiva da análise dialógica do discurso. Observa-se que a análise bakhtiniana do discurso crítico-pirrônico milloriano enseja a compreensão de sua visão sobre a língua, bem como de suas ideologias e axiologias sobre a vida conjugal e os afetos e valores que se lhe associam.

Palavras-chave: Millôr Fernandes. “Millôr Definitivo: bíblia do caos”. Dialogismo. Ideologia. Casamento.

Aprovação: 31/10/2022 **Submissão:** 08/11/2022

1 Introdução

Publicada em 1994 e apresentando uma síntese do pensamento crítico-humorístico milloriano, imbuído de ironia e ceticismo, a obra “Millôr definitivo: a bíblia do caos” (2020) traz um compilado de inúmeros verbetes do autor sobre os mais diversos assuntos, conceitos e ideias da vida humana. Nesse sentido, na obra, Millôr discorre, criativa e livremente, como em um dicionário às avessas, a respeito das mais diversas temáticas da vida, expondo seu pensamento, seus juízos, suas opiniões, de modo a formar uma imagem ideológica de homem, de vida e de mundo. Nesse contexto, refletindo sobre as palavras como unidades reais da comunicação discursiva, Millôr realiza um dicionário às avessas, elaborando uma significação temática carregada de ideologias e valores.

Nesse sentido, a problematização consiste em responder como se constitui o discurso milloriano na obra, de modo a identificar quais ideologias e valores veicula, bem como a quais vozes responde e a maneira que as responde. O objetivo geral constitui-se na compreensão, com base nas reflexões propostas pelo Círculo de Bakhtin, do discurso crítico, de natureza cética e humorista, de Millôr Fernandes, de modo a, concebendo-o inserido na complexa cadeia comunicativa, identificar quais as relações dialógicas estabelecidas entre ele e os demais elos da corrente, entendendo, ainda, como se engendram essas relações e quais as suas naturezas. Objetiva-se, também, nessa mesma lógica, identificar como se perfazem o ceticismo, a ironia e o humor de Millôr presentes nos enunciados, bem como qual a sua importância para a promoção dos efeitos de sentido discursivos. Como objetivos específicos, procura-se: conceber qual sua concepção de língua; analisar discursivamente seus pensamentos e máximas a respeito da ideia de casamento e de ideias e valores que se lhe associam; identificar quais os recursos que produzem a ironia e o humor, bem como em que medida seu discurso pode ser caracterizado como pirrônico¹; compreender quais as ideologias e os valores veiculados em seu discurso; estudar o pensamento dialógico-discursivo do Círculo de Mikhail Bakhtin.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se na medida em que: primeiro, possibilita a compreensão da concepção de língua do autor, identificando em quais quadrantes teóricos se lastreia e quais efeitos de sentido são construídos; segundo, oportuniza analisar alguns dos enunciados millorianos pertencentes ao campo semântico da vida conjugal oficial, representada na instituição do casamento e nos valores e afetos que lhe são associados, como fidelidade, e em ideias correlatas, como cônjuge e esposo (a).

Em relação à metodologia utilizada, consultam-se, em relação ao referencial bibliográfico do Círculo de Bakhtin – especialmente sobre gêneros do discurso, dialogismo, refração, ideologia e estilo –, tanto fontes diretas, isto é, dos próprios membros do Círculo, quanto fontes indiretas, de comentadores, entre os quais destacam-se Faraco (2009), Fiorin (2006), Miotello (2012) e Brait (2012), configurando-se, desse modo, em uma pesquisa na perspectiva da análise dialógica do discurso. No que diz respeito à biografia de Millôr Fernandes, pesquisam-se

¹ Relativo ao filósofo Pirro de Élis, remete ao estado de dúvida permanente, refratário a dogmas e certezas inquestionáveis (HOUAISS; VILLAR, 2001).



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C. sobretudo nas fontes Ebiografia (2022), Enciclopédia Itaú Cultural (2022) e Escritório de Arte (2022).

Nesse sentido, com o intuito de responder ao problema da pesquisa, dedica-se, no primeiro capítulo, ao estudo do referencial teórico concernente à análise dialógico-discursiva proposta pelo Círculo de Bakhtin. Neste momento, realiza-se uma revisão bibliográfica sobretudo das reflexões de Bakhtin, presentes no texto “Os Gêneros do Discurso” (2011), compreendendo as ideias de enunciado, conteúdo temático, estrutura composicional, estilo, dialogismo, forças centrípetas e centrífugas, bem como de Volóchinov, presentes na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (2019), a respeito de signo ideológico e refração.

Uma vez feita a revisão bibliográfica concernente às ideias do Círculo de Bakhtin, especialmente sobre enunciado, gêneros do discurso, dialogismo, estilo e ideologia, busca-se tecer considerações biográficas sobre Millôr Fernandes, de modo a conhecer, ainda que panoramicamente, sua trajetória, os principais acontecimentos de sua vida, que mais o marcaram, sua atuação profissional e suas principais produções. Destaca-se, nesse momento, a criticidade, humor e ceticismo presentes em suas obras, características que marcam sua cosmovisão não oficial da vida.

Por fim, o último capítulo do trabalho constitui-se na análise propriamente dita dos enunciados millorianos presentes em sua “Bíblia do Caos”, os quais engendram-se justamente por intermédio da retirada das palavras da instância dicionarizada, cristalizada, estabilizada e de tendência universal, com sua conseqüente inserção no mundo da vida, como signos linguísticos que refratam os valores e as ideologias de Millôr face ao mundo em que vive e às demais vozes que nele coexistem. Dessa maneira, há uma elaboração enunciativa que explora temática e dialogicamente os signos, colocando-os na cadeia discursiva como elos que respondem crítica e ironicamente aos discursos oficiais, que se situam na superfície das relações, promovendo, por conseqüência, uma refração outra da existência humana, revelando um lado não oficial da vida, escondido e encoberto.

A última parte do trabalho busca compreender, com fundamento no referencial pesquisado, o funcionamento e a concretização do fenômeno dialógico-discursivo no discurso milloriano, em especial, no campo semântico relativo à ideia de casamento, identificando quais recursos estilísticos são utilizados pelo autor, como os enunciados se concebem dialogicamente, isto é, em relação a quais vozes e qual a relação de sentido com elas estabelecida, bem como as ideologias e valores de Millôr Fernandes refratados em seus enunciados cuja temática é a ideia de casamento.

2 A realidade fundamental da linguagem sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin: algumas considerações

Composto por pensadores de diferentes áreas do conhecimento e tendo atuado, em especial, ao longo das décadas de 1920 e 1930, o Círculo de Bakhtin buscou elaborar, com fundamento em matrizes filosófico-sociológicas, uma teoria de natureza materialista da criação linguístico-ideológica. Nesse sentido, embora a perceptível e fundamental importância do pensamento de Marx e Engels – sobretudo no que diz respeito à influência do materialismo histórico-dialético –, os pensadores abordaram, com profundidade e sistematicidade, áreas que até então apenas haviam sido tocadas:

o problema da ideologia e o das denominadas 'superestruturas', o papel dos signos, a caracterização da linguagem verbal com relação a outros sistemas sócio-culturais, as características da arte, as peculiaridades da palavra literária, o problema do sujeito humano e da consciência (PONZIO, 2008, p.17).

Nesse contexto, os membros do Círculo, objetivando compreender de que modo a linguagem² refletia e registrava os conflitos axiológicos entre distintos grupos sociais, buscaram criar uma ampla teoria capaz de entender em que medida os discursos são imbuídos de valores e carregados de ideologias, refratando, na materialidade da linguagem, uma determinada concepção de mundo. Percebe-se, desse modo, uma verdadeira revolução no campo da linguagem: se outrora ela estava restrita à concepção que a definia como representação individual do pensamento – tendência subjetivo-idealista –, ou à sua formulação como um sistema linguístico abstrato – perspectiva objetivista-abstrata –, o Círculo, em especial as figuras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, compreende-a com fundamento na realidade social, na vida real, em vistas comunicativas, ou, nas palavras mais próprias dos pensadores, na interação verbal – considerada pelo Círculo como sua realidade fundamental (PEREIRA; RODRIGUES, 2010).

Nessa perspectiva, haja vista o pensamento linguístico-discursivo do Círculo se dar na tentativa de compreensão da central função comunicativa da linguagem, sobreleva-se sua natureza social, interindividual, isto é, a importância da relação eu/outro na formulação da linguagem. Porém, não se pode pensar a ideia de língua dentro do edifício do pensamento do Círculo como um mero instrumento comunicativo; antes, é o próprio aspecto comunicativo que constitui a gênese e natureza da linguagem, de modo que há uma influência constitutiva das relações interpessoais dentro de um ambiente social para a sua formação³. Assim:

O que o Círculo afirma é que a comunicação, tomada como a materialização, a realização concreta da interação verbal/discursiva, é a matriz geradora da linguagem, é a realidade fundamental da língua [...] O Círculo de Bakhtin toma a comunicação como realização concreta da interação verbal porque entende que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém [...] Ou seja, a comunicação, por esse entendimento, não é a expressão de algo (pré-existente, interior) por alguém a alguém por meio de palavras – o que a caracterizaria como um mero instrumento. A comunicação, tomada como realidade fundamental da língua, é justamente o processo de expressar-se em relação ao outro, e não simplesmente para o outro. É esse em relação, pelo qual o eu só existe em relação ao outro, e só assim pode se expressar, que configura a dinâmica da interação verbal/discursiva (MOLON; VIANNA, 2012).

Ora, é justamente com lastro nessa matriz de pensamento que Bakhtin (2011) desenvolve, com mais especificidade, seu pensamento a respeito da

² Embora haja divergências relativas às definições específicas entre língua e linguagem – como acontece, por exemplo, no pensamento de Saussure –, nesta pesquisa, ambas serão tomadas como sinônimos.

³ Embora essa noção discutida, que evidencia a fundamental importância do outro nas práticas de linguagem, já indique a discussão relativa à ideia de dialogismo, dada a importância do conceito para a realização da pesquisa e para o alcance dos objetivos propostos, opta-se pela sua abordagem em um momento posterior do trabalho, mais oportuno à sua exploração e desenvolvimento.



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

linguagem. O filósofo parte do pensamento segundo o qual todas as ações do ser humano estão associadas à utilização da língua, a qual é empregada na forma de enunciados concretos e únicos, que podem ser tanto orais, quanto escritos. Expressos pelos membros de qualquer área da ação humana, esses enunciados refletem não só a finalidade de cada campo, mas também a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais. Bakhtin (2011) afirma que o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão ligados de maneira indissolúvel, ou seja, estão relacionados no todo do enunciado. Saliencia-se a particularidade e individualidade do enunciado. No entanto, em cada campo em que a língua é utilizada, são elaborados tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros do discurso.

O autor (2011), tendo em vista a tamanha heterogeneidade dos gêneros discursivos, advinda da própria multiplicidade da atividade humana, divide os gêneros discursivos em gêneros primários, caracterizados como simples, e secundários, caracterizados como complexos. Sobretudo os gêneros secundários, considerados complexos, de acordo com Bakhtin, surgem a partir de um maior convívio cultural incorporando, no processo de sua formação, diversos gêneros primários. Tais gêneros de natureza simples, nesses casos em que são assimilados pelos secundários, perdem a ligação com a realidade concreta, assumindo uma condição especial frente ao discurso secundário. Bakhtin, frente à discussão sobre a heterogeneidade dos gêneros do discurso, exemplifica citando a réplica do diálogo cotidiano dentro do conteúdo do romance. Ele integra a realidade concreta apenas como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Logo, o romance sendo um enunciado em seu conjunto, tem a mesma natureza do diálogo cotidiano ou uma carta privada, no entanto, tem por diferença ser um discurso secundário.

Faz-se importante, nesse momento, diferenciar as palavras e orações dos enunciados que, para Bakhtin (2011), são as unidades reais da comunicação discursiva, tendo em vista que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos, de autoria de falantes, os sujeitos do discurso.

O filósofo (2011) vai tratar a língua como a necessidade do homem de se autoexpressar, de objetivar-se. Apesar de o assunto ser abordado com mais profundidade posteriormente, vale destacar que, diferentemente da perspectiva clássica, que aborda o falante como ativo no processo de discurso e o ouvinte como passivo na recepção e compreensão do discurso, Bakhtin, ao contrário da visão sobre o processo de comunicação, vai colocar o ouvinte em uma real situação comunicativa. Assim, irá assumir uma posição ativa diante do ato de comunicação, pois o ouvinte torna-se falante, fenômeno este que o autor (2011) vai chamar de enunciado vivo, haja vista que sua natureza é ativamente responsiva.

Nesse contexto, dando continuidade aos estudos bakhtinianos, destaca-se que os atos enunciativos não estão totalmente compreendidos no campo da língua, pois, mesmo usando recursos linguísticos para se constituírem, não se limitam pelos muros que a linguística lhes impõe, sejam eles de natureza fonológica, lexical, morfológica ou frasal. Suas fronteiras, para o filósofo (2011), são justamente a alternância dos sujeitos do discurso, isto é, dos interlocutores, uma vez que, só se tem um enunciado, diante da enunciação.

A esse respeito, Bakhtin (2011) destaca que tais limites do discurso são delimitados pela alternância estabelecida pelos sujeitos discursivos. Ele destaca que o enunciado, sendo a unidade real da comunicação discursiva, diferencia-se da palavra e oração, que se configuram justamente como unidades convencionais da

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

língua. Essas alternâncias provocadas pelos sujeitos discursivos, jamais devem ser confundidas com as divisas da oração.

A oração, de acordo com Bakhtin (2011), sendo uma unidade convencional da língua, configura-se como um pensamento imediatamente correlacionado com outros pensamentos do falante no que compõe o seu enunciado. Portanto, a esfera em que se encontra a oração, tendo em vista sua natureza gramatical, é o contexto da fala, e não os demais enunciados que compõem o discurso. O filósofo aponta, ainda, que a oração não tem contato com a realidade nem relação de imediato com enunciados paralelos. Logo, ela não se relaciona diretamente com o contexto extraverbal da realidade, isto é, não tem ligação com a vida como o enunciado, mas sim, com o contexto em que a cerca.

Para Bakhtin (2011), essa alternância dos sujeitos do discurso, característica constitutiva típica do enunciado, enseja a noção de conclusibilidade, sendo essa outra importante característica singular e formadora do enunciado. Ela se configura como a responsável por indicar que o enunciador externou tudo aquilo que queria dizer em um dado momento ou sob determinadas particularidades. Tem como o critério mais importante, sob a perspectiva de Bakhtin (2011), a alternativa de responder ao enunciado, em âmbitos mais assertivos, de ocupar, de acordo com ele, uma posição responsiva. Portanto, o enunciado, sendo concluído, traz uma dada compreensão responsiva do outro interlocutor, já que, diante da perspectiva do filósofo (2011), o ouvinte assume uma ativa posição responsiva na situação comunicativa. Seja ela qual for, por exemplo: um mero aceno demonstrando concordância, um ato demonstrando negação por meio do silêncio, ou até mesmo a discordância de modo implícito feita pelo movimento de negação com a cabeça, ou até explícita, por meio de um discurso falado.

Nesse contexto, Bakhtin (2011) salienta que esse âmbito de conclusibilidade do enunciado, nessa sua perspectiva de totalidade, na qual se torna responsável por proporcionar a compreensão responsiva do ouvinte, é caracterizada por três fundamentos, os quais nele interligam-se sobretudo de forma orgânica e sistemática. São eles: a “exauribilidade do objeto e do sentido”; “projeto de discurso ou vontade do discurso do falante”; e “formas típicas composicionais e de gênero de acabamento”. Esse último, em especial, será abordado com mais profundidade ao decorrer das próximas linhas.

Após essas análises, Bakhtin (2011) vai tratar sobre o terceiro componente que permeia a conclusibilidade do enunciado – e que tal componente é considerado por ele como o mais importante –: as formas estáveis de gênero do enunciado. De acordo com seu pensamento, o propósito por trás do discurso do falante se completa, a princípio, na escolha de um gênero do discurso específico, o qual é estabelecido pelas particularidades de um determinado âmbito da comunicação discursiva, tendo em vista o conteúdo semântico-objetual do enunciado, assim como a circunstância veraz e determinada da comunicação discursiva, o aspecto do restante dos interlocutores etc. O propósito discursivo do interlocutor, de natureza individual e de forma subjetiva, se faz um ato contínuo, adaptado de um gênero discursivo determinado escolhido pelo falante, de maneira a se compor e se desenvolver em uma forma discursiva específica.

Com base nisso, o propósito do gênero do discurso se enquadra em uma posição de grande destaque no que tange ao pensamento filosófico e ideológico de Bakhtin (2011), de modo que qualquer um dos atos de comunicação se faz por meio de um gênero discursivo específico, ou seja, qualquer enunciação possui forma de



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

construção discursiva do todo. Assim sendo, o discurso no que tange ao falante, é em qualquer ocasião modificado por algum dos gêneros discursivos, os quais podem ser vinculados ao estereótipo e de natureza padronizada, que é justamente o caso dos discursos militares e jurídicos, de caráter oficiais, ou até mesmo de caráter mais plástico e criativo, como é o caso dos gêneros literários ou entre pessoas mais próximas, por exemplo.

Tendo como essência o ideal de que é por meio dos enunciados concretos que a língua se insere e se incorpora à vida e por intermédio de enunciados concretos que a vida atinge e se faz presente na língua, salienta-se a natureza extraverbal do enunciado concreto, sua afeiçoada ligação à vida humana, seu caráter de ligação constitutiva entre a língua e a vida, dentro da perspectiva entre a linguagem e seus falantes (BAKHTIN, 2011).

A esse respeito, Volóchinov (2019) outro membro do Círculo, em seu texto intitulado “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica” observa que há uma relação intrínseca entre o discurso verbal e as situações extralinguísticas pragmáticas e, portanto, os dois estão intimamente relacionados. Qualquer designação, estilização ou avaliação, independentemente dos critérios utilizados, não só leva em conta o que está contido no corpo linguístico do discurso, mas também o que é entendido pelo segmento, por meio do contexto.

Portanto, qualquer que seja a avaliação de uma afirmação de utilidade, deve-se levar em consideração um todo que surge não de meras combinações acidentais, mas da fusão apropriada e necessária do discurso e dos acontecimentos da vida. Somente o todo formado pelo discurso e pela situação extralinguística pode ser objeto de avaliação de qualquer natureza (VOLÓCHINOV, 2019).

Nessa senda, analisando-se a relação entre corpo verbal e contexto extralinguístico no campo do discurso, pode-se concluir que o sentido, dimensão real do discurso da vida, não é o mesmo que seu componente estritamente linguístico. Qualquer processo de compreensão ou avaliação do discurso envolve necessariamente o contexto pragmático (VOLÓCHINOV, 2019).

Nessa perspectiva, a vida não atua no discurso de fora como uma força mecânica. Ela penetra em seu núcleo, de onde atua como uma unidade com poder comunicativo social e objetivo, incluindo os interlocutores e seus juízos de valor comuns. Dessa forma, a enunciação vive na fronteira entre a vida e o discurso da fala, injeta a energia das situações da vida no discurso da fala, por assim dizer, dá a qualquer coisa linguisticamente estável seu momento histórico, seu viver, seu caráter único (VOLÓCHINOV, 2019).

Dando continuidade ao seu raciocínio, Bakhtin (2011) observa que o aprender da língua por meio dos enunciados, além da própria utilização da língua atendendo à formação de discursos e à própria utilização da linguagem por meio desses é tão robusta, densa e poderosa na consciência humana que, de acordo com sua previsão, ao se adentrar no discurso do outro, o entendimento e internalização do gênero a que pertence já surge permeando a consciência do ouvinte logo no início, de modo que pode prever, até mesmo, seu final. Como já foi abordado anteriormente, o filósofo define que cada âmbito da atividade humana possui seu tipo de enunciado de caráter minimamente estável, ou seja, o gênero do discurso que o permeia, no tocante às circunstâncias e intuítos dessa área específica.

Por consequência, os gêneros distinguem-se conforme as circunstâncias e os motivos da atividade humana. Assim, à medida que as

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

configurações da vida mudam, bem como as posições sociais dos interlocutores, suas relações interpessoais, além das relações de interdependência, mudam-se os gêneros em toda a sua conjuntura. Ocorre uma mudança nos conteúdos semântico-objetais, bem como os estilos de linguagem, além da própria construção composicional (BAKHTIN, 2011).

Adiante, em suas reflexões, Bakhtin vai prever que a segunda parte que compõe o enunciado se faz presente por meio da expressividade, a qual o filósofo da linguagem descreve justamente como "a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado" (BAKHTIN, 2011, p. 289). Dessa forma, opõe-se à ideia de neutralidade do discurso, afirmando sua inexistência; ele afirma que todo discurso é dotado de juízo de valor, em maior ou menor grau, de modo que a língua, em contato com a realidade da atividade humana, não pode ser pensada como neutra. Bakhtin reflete sobre essa diferença perguntando se, dentro desta perspectiva, seria palpável deliberar se o que compõe o discurso da expressividade seria um fenômeno de natureza linguística, como se as palavras e orações possuíssem panoramas expressivos. O filósofo responde à sua própria pergunta com negação. De acordo com ele, todos os recursos que permeiam a linguística, que são de fato utilizados pelo falante, são neutros, não sendo dotados de entonação, sendo nenhum aspecto expressivo que lhes seja inerente. A expressividade apenas surge em um real e concreto ato de enunciação, ou seja, quando uma palavra específica é empregada e utilizada por um falante específico, numa situação de caráter real e concreto.

Como se pode verificar pelas ideias desenvolvidas, o conceito de expressividade relaciona-se com a ideia de tema do enunciado, o qual é trabalhado sobremaneira por Volóchinov. Para o pensador, o enunciado possui tema e significação. O filósofo vai tratar o tema, por sua vez, como esse sentido da totalidade do ato enunciativo, fenômeno esse que manifesta a situação histórica concreta que não muda e sempre terá um caráter particular e irreproduzível. Por exemplo, quando alguém pergunta, "o que estudaremos hoje?", há somente um único tema passível de resposta para essa pergunta, seja ela o nome de uma disciplina ou área acadêmica, tendo em vista que o enunciado se forma de uma situação extraverbal real, já que ele está ligado a um contexto histórico concreto. Dessa forma, o tema constitui-se também pela dimensão extraverbal do contexto no qual é proferido pelo falante. Nas palavras do próprio Volochinov (2018, p. 228), "o enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado".

No entanto, dentro da perspectiva de enunciado, não há somente a ideia de tema, mas também de significação. A significação está muito mais ligada aos aspectos linguísticos que aos aspectos extraverbais, desse modo, essa ideia se distancia dos aspectos históricos e concretos, e se aproxima da semântica e dos significados literais de cada palavra. Desse modo, independentemente da situação concreta e extraverbal do enunciado, será idêntica a si mesma e repetível. Logo, cada palavra possui sua própria significação. Dessa forma, enquanto o tema possui um caráter concreto, irrepetível e indivisível, a significação possui um caráter abstrato, distinto, divisível, subdividindo-se em uma ampla variedade.

Adiante, Volóchinov (2018) analisa a impossibilidade de separar a significação temática e a ideia de expressividade, de avaliação, sendo que, em suas próprias palavras, "não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

não só significa, mas também avalia” (2018, p. 233-236). Para ele, no que se refere à expressividade, já debatida anteriormente dentro da perspectiva bakhtiniana, é detentora de um grande poder criativo no próprio processo de alteração das significações, de modo que os processos de mudanças significativas são resultados do processo de reavaliação, que é justamente a transposição da palavra de uma conjuntura verbo-ideológica para a outra.

Faz-se necessário, nesse momento, evidenciar o pensamento do Círculo a respeito da natureza individual-contextual das palavras. Com efeito, as palavras, quando presentes na comunicação discursiva, possuem uma natureza não fixa, constantemente ativa, sendo de caráter relativamente mutável, flexível, variável. Dentro dessa perspectiva, Bakhtin (2018) afirma que o falante não encontra palavras de natureza neutra, sem que elas estejam dotadas de ideologias e pretensões alheias. Nesse sentido, o filósofo entende que dentro da esfera da comunicação dialógica, a palavra está dotada de pretensões, diferentes sensações e ideologias⁴ que passam de falante para falante.

Ainda debatendo sobre a palavra dentro da perspectiva de enunciado alheio, o filósofo, (2011), atento ao caráter social da linguagem, salienta que, em diferentes períodos da história, em cada distinta sociedade e singular cultura, há os enunciados de autoridades que são dotados de valores e princípios; assim, inseridos dentro de tradições e costumes vigentes no padrão social da época, esses enunciados exercem influência sobre os interlocutores, aflorando, desse modo, a construção de uma ideia de verdade universal, absoluta, dogmática. Dessa forma, emerge o que Bakhtin (2011) chama de “experiência discursiva”, que se trata da individualidade da memória discursiva do falante, considerando a interação com enunciados alheios, pouco a pouco assimilados pelo sujeito discursivo.

Em relação à “memória ou experiência discursiva”, Bakhtin (2014) propõe importantes reflexões para análise do discurso em relação à formação da consciência sociológica do indivíduo. Nesse aspecto, Bakhtin (2014) vai afirmar que a evolução ideológica do homem – nesse contexto – é um processo de escolha e de assimilação das palavras de outrem. Devido a isso, a incorporação das palavras alheias se aproxima muito mais de uma importante consciência ideológica do ser humano, assumindo, assim, um papel de grande valor.

Estabelecendo-se essa demanda por desenvolver a natureza das palavras que tem sua origem no enunciado alheio, Bakhtin (2014) vai destacar duas grandes dimensões de palavras que permeiam a consciência ideológica discursiva do falante e que estão em intensa consonância.

O primeiro grande universo de palavras, a palavra autoritária, não se assimila por meio do poder de persuasão de quem a proferiu, mas sim de uma aproximação e identificação com a autoridade que a proferiu. O lugar onde se encontra a palavra, é o lugar onde se encontra quem a disse. Logo, o discurso autoritário tem sua origem no próprio interlocutor que o enunciou. Dentro dessa perspectiva, o fato de a palavra estar vinculada ao seu lugar de origem, na qual determina sua natureza, ela se isola, de um determinado modo, do restante do contexto.

⁴ Embora a fundamental importância dos conceitos para a compreensão da teoria dialógica do discurso proposta pelo Círculo de Bakhtin, deixa-se para discorrer a respeito da noção de ideologia em um momento posterior, que julgamos, por questões didáticas, mais oportuno.

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

Dessa forma, a natureza da palavra autoritária se aproxima muito mais de um lugar estático, densamente comprimido e fechado em si mesmo. Seu significado se aproxima muito mais do literal, enrijecido. O discurso autoritário, afasta o indivíduo da razão e compreensão racional, exigindo dele uma incondicional admissão, não permitindo, assim, um meio termo, pois esse discurso se afasta de ressalvas e observações. Dentro desse aspecto, o discurso autoritário é legitimado e validado, e ele permanece com a autoridade por toda a sua vivência, já que, dentro dessa perspectiva, não se pode admitir a palavra sem se admitir sua origem, ou até mesmo conhecer a origem, quem proferiu, mas desacreditar da palavra.

A natureza densa da palavra autoritária, sob o olhar de seu passado hierárquico e valorativo, reflete no constante distanciamento com os sujeitos discursivos. Bakhtin (2014) salienta que, argumentar com a palavra autoritária se torna algo em vão. Dessa forma, olhá-la por outro ângulo, outra perspectiva, não se torna possível.

A palavra autoritária vai ser entendida como tendo força centrípeta (FIORIN, 2006). O filósofo a coloca dentro de um local impermeável a outras vozes, sendo esta a de caráter oficial, justaposta com discurso de autoridade e poder. Essa voz, dentro dessa perspectiva, é construída ao redor de um núcleo que repele vozes que se distanciam das ideologias do enunciador.

O segundo grande universo, diferenciando-se das forças centrípetas provocadas pela palavra autoritária, é a palavra persuasiva, que, por sua vez, origina-se num lugar próximo com o sujeito que a assimila. Logo, sua origem situa-se em um lugar no presente, que ainda não acabou. Seu sentido tem um caráter vivo e produtivo.

De natureza permeável e incorporada de forma orgânica e criativa pelo enunciador, a palavra persuasiva possibilita inúmeras ligações discursivas, promovendo-a, bem como a expansão da consciência discursiva do sujeito que a assimila. Logo, considerando-se seu caráter permeável, que permite a absorção de outras vozes, estabelece várias relações de sentido com as demais palavras, externando seu caráter manifestadamente mais dialógico que a palavra autoritária, uma vez que todo enunciado é constitutivamente dialógico.

Ora, conquanto toda a importância dos elementos discutidos anteriormente para reflexão sobre o enunciado, Bakhtin (2011) destaca que os elementos semântico-objetal (tema) e expressivo não bastam para conceber sua constituição. Era esse, de fato, o erro das correntes estilísticas da época, as quais, ainda restritas aos limites da própria linguística, desconheciam um possível terceiro elemento que definisse o estilo do enunciado, de modo que esse era engendrado tão somente pelo sistema da língua, pelo objeto discursivo e pela relação de natureza emotivo-valorativa do enunciador em relação ao objeto. Bakhtin, de maneira diametralmente distinta, propõe que não se pode pensar que a escolha dos meios linguísticos necessários para a construção do enunciado se bastasse aos fatores semântico-objetais e expressivos. Na verdade, essa concepção, até então dominante, é limitada, haja vista que desconhece o fato de que o próprio enunciado é, constitutivamente, “um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 296).

Embora já tangenciado anteriormente, emerge, aqui, com mais robustez, uma ideia cara ao pensamento bakhtiniano e até então inédita aos estudos da linguagem: o dialogismo, que pode ser sintetizado, em poucas palavras, como a ação constitutiva de um enunciado sobre o outro, a influência, o reflexo natural que um enunciado incide sobre o outro. Nas próprias palavras de Bakhtin (2011, p. 297):



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

[...] Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.

Nesse sentido, a própria linguagem – a qual, como visto desde o início, tem uma dimensão eminentemente comunicativa – é consubstanciada pelo princípio dialógico: todo enunciado estabelece, necessariamente, relações responsivas, isto é, relações de sentido, com enunciados anteriores, bem como suscita, também necessariamente, uma atitude responsiva daquele a quem é dirigido – o enunciatário, que, como já visto, não pode ser pensado, em hipótese alguma, como passivo. O enunciado, assim, estando sempre configurado em uma múltipla, diversa e complexa cadeia discursiva, possui uma ligação dúplice, que lhe determina em todos os aspectos constitutivos: os mais diversos enunciados anteriores que já trataram do mesmo conteúdo semântico-objetual, isto é, que possuem o mesmo tema, e a atitude responsiva do interlocutor, o qual, nesse modelo comunicativo, assume uma posição definitivamente ativa (BAKHTIN, 2011).

Nessa perspectiva, definir o enunciado como forçosamente dialógico significa dizer que cada enunciado proferido por um sujeito discursivo traz consigo, em seus próprios limites e independentemente da vontade do enunciador, ressonâncias e reverberações discursivas de outros enunciados já proferidos que se situem na mesma esfera de comunicação discursiva. É justamente nesse sentido que aflora a noção de ser ele um elo na corrente discursiva, que lhe é anterior e da qual, necessariamente, participa. E não se pode pensar como sendo um elo passivo, meramente mecânico, inerte: ele, em realidade, responde, das mais variadas maneiras possíveis, aos enunciados que lhe precederam: confirmando-os – conservando e reproduzindo o sentido; completando-os – desenvolvendo e fortalecendo o sentido; negando-os – contestando o sentido. Assim, haja vista sua natureza de elo que responde, o enunciado ocupa uma posição responsivo-valorativa, de modo que não pode, em hipótese alguma, ser pensado como neutro, isento axiologicamente: ele responde aos demais elos nas mais distintas vibrações, ao mesmo tempo carregando e respondendo aos ecos e reverberações advindos de outros enunciados (BAKHTIN, 2011).

Dessa forma, a múltipla responsividade do enunciado engendra uma carga ideológica advinda não só do conteúdo temático, semântico-objetual, ou da relação emotivo-valorativa do enunciador para com ele, mas também provocada em razão das relações dialógicas estabelecidas com outros enunciados, pois, ao responder-lhes, posiciona-se em face deles. Bakhtin (2011), nessa continuidade, chega a afirmar inclusive que, por mais intencionalmente monológico que seja o enunciado, por mais que o enunciador tente focalizar o seu discurso no objeto, buscando concentrar-se no tema de maneira neutra, ele, inevitavelmente, promoverá uma réplica discursivo-ideológica a outros possíveis discursos que também já abordaram aquele dado objeto. Enunciar, portanto, pressupõe participar de um simpósio universal, estabelecer relações de sentido, relações dialógicas as mais diversas, de distintos modos e com diferentes intensidades, com os mais diversos enunciados já proferidos que também possuíam aquele mesmo conteúdo temático.

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

Essa responsividade ideológica, essa dialogicidade intrínseca ao enunciado, para Bakhtin (2011), promove uma noção de complexidade, de multiplanaridade, de modo que o discurso se torna todo sulcado, permeado por múltiplas vozes discursivas. Assim, à medida que se examina o enunciado, que se lhe investiga, auscultam-se nele, por intermédio de sua responsividade, as mais distintas vozes sociais, a maneira como ele as responde, o modo pelo qual as relações de sentido se estabelecem. Verifica-se, nesse contexto, que essa alteridade discursiva se fundamenta e representa o próprio pensamento filosófico do Círculo – o qual foi discutido no início deste capítulo –: a natureza da linguagem é comunicativa, social, de modo que a relação eu/outro é constitutiva de toda e qualquer formação discursiva.

Com efeito, Bakhtin observa que o enunciador, ao falar sobre o mundo, qualquer que seja o conteúdo temático, já o encontra carregado de vozes sociais, permeado de valores, consubstanciado das mais distintas ideologias, de sorte que o falante não é o primeiro a falar sobre ele. Ao contrário,

O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; neles se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez (BAKHTIN, 2011, p. 299-300).

Ora, Bakhtin (2011) faz uso da alegoria do Éden e do homem adâmico justamente para demonstrar que os seres humanos não vivem em um mundo primordial, ainda não nomeado, no qual a realidade se encontra desprovida de dizeres, de falas sociais, de valores e ideologias. Assim, haja vista essa impossibilidade de viver em mundo virgem discursivo-ideologicamente, enunciar significa posicionar-se, bem como falar sobre algo significa responder àqueles que também já falaram sobre esse algo, isto é, que já abordaram, em seus discursos, o mesmo conteúdo semântico-objetal. Dessa forma, uma vez dada a saturação ideológica do mundo, a prévia valoração que permeia constitutivamente a realidade humana, a linguagem é de natureza eminentemente social. Nos objetos que compõem o discurso humano encontram-se, assim, distintos dizeres, variadas cosmovisões, correntes políticas, toda uma carga ideológico-valorativa com a qual o enunciador estabelecerá relações de sentido – isto é, relações dialógicas –, as quais serão manifestas “na totalidade do sentido, na totalidade da expressão, na totalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição” (BAKHTIN, 2011, p. 298).

Bakhtin (2014) é tão enfático nesse raciocínio que, em outro texto, afirma que em volta do próprio corpo verbal do objeto, semiotizado pela linguagem, encontra-se esse espaço constituído por uma multiplicidade discursiva, ou seja, por uma vasta e complexa rede de dizeres – todos eles, como visto, constitutivamente ideológicos. Desse modo, posto que o próprio objeto é circundado por essa atmosfera, envolto nesse denso meio, saturado dos mais plurais e distintos valores, apreciações, ideias, o usuário da língua, ao falar sobre determinado conteúdo temático, faz com que seu enunciado se insira nessa atmosfera discursivo-ideológica, estabelecendo, necessariamente, relações dialógicas com todas aquelas perspectivas valorativas e axiológicas que circundam o objeto, amarrando-o. Nas próprias palavras de Bakhtin (2014), o discurso do enunciador:

Se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C. substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico [...]. O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto (BAKHTIN, 2014, p. 86).

É justamente com o propósito de ilustrar esse fenômeno discursivo, marcado pela mútua interação entre o enunciado e a atmosfera ideológica que circunda o objeto, que Bakhtin (2014) formula a imagem da “refração do discurso raio”. De fato, destaca o teórico que, caso seja materializado representativamente a intenção enunciativa – a orientação do enunciador para o conteúdo temático – na imagem de um raio, esse não se deparará, não se encontrará diretamente com o objeto ao qual foi lançado; antes, cruzará com os mais distintos discursos, com as mais diferentes vozes sociais que circundam o determinado objeto do mundo da vida, refratando seu conceito, jamais refletindo-o, muito menos decalcando-o verbalmente. Assim, essa própria refração do raio enunciativo, que ocorre assim que ele penetra o denso e emaranhado meio discursivo que circunda o objeto do discurso, consiste na dialogicidade constitutiva do enunciado, sua característica responsiva, que engendra sua natureza ideológica. Em outras palavras, é justamente esse refrangir discursivo, esse cruzamento do raio enunciativo com discursos alheios, que enseja a formação de distintas imagens – todas elas oblíquas, e não perpendiculares, refratadas, e não refletidas; em uma palavra: dialógicas.

Ora, o pensamento de Bakhtin vai ao encontro ao de Volóchinov ao observar que, quando um objeto ou fenômeno da realidade é percebido, criando sua imagem ideológico-simbólica, forma-se um signo, isto é, o objeto adquire uma realidade signico-ideológica, promovendo a refração de uma realidade que não é propriamente a sua, de natureza material, mas outra, ideológica. A palavra, sendo um signo (e, sob a perspectiva de Volóchinov, o signo ideológico por excelência), promove essa refração ideológico-discursiva, evidenciando, nos limites de seu próprio corpo verbal, a coexistência, o entrecchoque apreciativo de uma determinada coletividade, o entrecruzamento de distintas perspectivas axiológicas.

Esse fato, para o pensador da linguagem (2018), advém naturalmente da razão de ser a língua – coletividade signico-verbal – utilizada pelas mais distintas classes sociais (cujas apreciações e interesses são lastreados em diversos quadrantes ideológicos), de maneira que ela, em sua própria constituição, registra, socio-historicamente, esses conflitos valorativos, tornando-se multiacentuada, um autêntico espaço ideológico, marcado pelo embate de diferentes ênfases sociais. Nesse sentido, o signo linguístico é uma verdadeira arena na qual entrecchoam-se distintos índices de valor, diferentes lastros ideológicos, sejam eles mais próximos na cadeia comunicativa, como as palavras dos interlocutores diretos, imediatos, sejam eles mais distantes e profundos, advindos de pensamentos filosóficos, correntes políticas, cosmovisões ideológicas etc.

Miotello (2012, p. 172), a respeito da dimensão ideológico-valorativa e do caráter sócio-histórico do signo, comenta que:

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é signo ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. A representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano.

A refração, no seio dessa teoria, representando a própria responsividade sócio-histórica, a própria dialogicidade constitutiva da linguagem, promove, conseqüentemente, uma ideia de realidade humana plural, diversa: uma vez essa semiotizada pela linguagem, isto é, uma vez transformada em signo, torna-se múltipla, haja vista que múltiplos são os sentidos os quais, registrados pelas coletividades, materializam-se e entrecrocavam-se nos signos – os quais, em seus limites, encontram-se, ativamente, em um constante entrecruzamento, distintas perspectivas axiológicas e apreciações. A refração, desse modo, pode ser caracterizada como

uma condição necessária do signo na concepção do Círculo de Bakhtin. Em outros termos, para o Círculo, não é possível significar sem refratar. Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais.

Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas. E isso não porque eles sejam intrinsecamente ambíguos, mas fundamentalmente porque significam deslizando entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (e não com base numa semântica única e universal) (FARACO, 2009, p. 51).

Miotello (2012), ao abordar a realidade do signo verbal, observa que, dada sua presença ubíqua, isto é, comum e concomitante a todas as esferas da vida humana, compõe-se por uma imensa quantidade de fios ideológico-discursivos, contrários entre si, haja vista serem originados e desenvolvidos em distintos campos sociais. No próprio corpo das palavras, em uma sociedade dividida em classes, ocorre embates apreciativos, valorativos, de sorte que o signo verbal não possui um sentido fechado, monossêmico, mas sim, apresenta distintas acentuações ideológicas. Nessa senda, uma vez que diferentes vozes ecoam nos signos, coexistem, neles, contradições ideológico-sociais que advêm do próprio caráter axiológicamente conflituoso da sociedade humana, bem como dos distintos quadrantes valorativos de cada época.



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

Vale resgatar, nesse momento, as considerações relativas às forças centrípetas e centrífugas. Com efeito, o conflito ideológico refratado no signo manifesta o embate entre forças centrípetas, tipicamente oficiais, e as centrífugas, não oficiais. Nesse contexto, observa-se que os poderes oficiais tendem a querer monologizar o signo, calcificá-lo, delimitar seu sentido e colocá-lo como reflexo cristalino e pacífico de uma realidade não conflituosa, conferindo-lhe uma natureza imutável, fixa, estável. Esse sentido, todavia, é continuamente respondido e contraditado pelas vozes não oficiais, do cotidiano, tipicamente centrífugas, que abalam suas curtas e frágeis barreiras semânticas, expandindo-o num esforço de pluralização e diversificação, denotando e fortalecendo seu sentido dinâmico, flexível, mutável.

Como visto, pela própria natureza sógnica da linguagem, abordar um objeto em um discurso, seja ele qual for, implica a assunção de uma atitude responsiva ativa face aos discursos sobre ele já proferidos, já ditos. Essa noção de dialogicidade, materializada na própria ideia da refração do discurso raio, todavia, não é a única estudada e concebida pelo Círculo. O enunciado, com efeito, não está tão somente voltado ao conteúdo temático e aos demais discursos sobre ele, com os quais trava relações de sentido, mas também – e necessariamente – para o interlocutor, para o enunciatário – o qual, como já foi visto, assume uma posição ativa em todo o processo comunicativo. Nesse modelo discursivo, o elo enunciativo subsequente possui igual importância aos elos enunciativos antecedentes; o enunciado existe entre eles, mantendo a corrente discursiva sempre viva, em real funcionamento.

Bakhtin (2011), de fato, observa que o enunciado é proferido pelo enunciador justamente em busca de demandar uma atitude responsiva, uma posição ativa do enunciatário, do outro, qualificado, sob essa perspectiva, como verdadeiro partícipe da comunicação discursiva. A própria ação enunciativa, nessa perspectiva, não só se dá face ao outro, mas desde o início elabora-se levando-o em consideração; melhor dizendo, a direção face ao interlocutor não é um epifenômeno, um atributo acessório e último do enunciado, como se estivesse em seu desfecho, em seu remate final, mas sim, em realidade, a orientação enunciativa faz parte da própria gênese do discurso, sendo considerada sua matriz-motriz: o que se objetiva do outro, a atitude responsiva que lhe é demandada engendra o próprio nascimento do enunciado, bem como a dimensão do outro, seu papel na esfera real da vida humana, no horizonte social, a relação enunciador-enunciatário, promovendo, desse modo, a própria movimentação e elaboração do enunciado, em todos os seus aspectos. Nas palavras do filósofo da linguagem:

Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada [...] O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2014, p. 89).

O Círculo, nesse contexto, ressalta a influência fundamental exercida pelo outro na formação do discurso, uma vez que a responsividade desse outro é não só demandada pelo enunciado, mas propriamente exerce forças, de fora para dentro,

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

que moldam o enunciado. A elaboração enunciativa, assim, enquanto ato presente, estabelece relações de sentido com os discursos já proferidos, enlaçando-se com o passado, como também com a responsividade futura, a atitude demandada do enunciatário, o que implica dizer que a construção do enunciado, ao mesmo tempo situando-se na esfera pretérita do já dito, leva em conta, em uma perspectiva discursiva futura, mas que já age sobre si:

o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Ora, se, anteriormente, em relação à primeira dimensão do princípio dialógico – a qual pode ser pensada como tendo uma natureza pretérita –, que se estabelece em razão da necessária responsividade do enunciado face aos anteriores, engendrando uma refração enunciativa, houve uma íntima harmonia, um encontro consonante e frutífero entre os pensamentos de Bakhtin e Volóchinov, neste momento, no qual se reflete sobre uma segunda dimensão do princípio dialógico – a qual pode ser concebida como possuindo uma natureza futura –, há, também, uma concordância, uma combinação do pensamento dos autores. Com efeito, a orientação para o discurso resposta, característica constitutiva do enunciado, também é fruto das reflexões de Volóchinov (2018), o qual afirma, respondendo às demais teorias vigentes no momento no qual desenvolvia suas reflexões, que a natureza do discurso é eminentemente social.

Volóchinov (2018), nesse contexto, comenta que tanto a constituição, a composição e o funcionamento do discurso se dão no meio social organizado em que o enunciador se encontra, de modo que assume uma natureza sociológica. Desse modo, posto que o enunciado é de natureza social, a realidade material e objetiva na qual os parceiros da comunicação se encontram é fulcral para o seu nascimento e desenvolvimento; em outras palavras, a relação social existente entre o enunciador e o enunciatário molda, age sobre a constituição do enunciado. Nas palavras desse teórico do Círculo (2018, p. 204-205):

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco figurado. Mesmo quando pretendemos viver e expressar *urbi et orbi*, é claro que, na verdade, vemos tanto a cidade quanto o mundo pelo prisma do ambiente social concreto circundante. Na maioria dos casos, pressupomos um certo horizonte social típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos; isto é, para um contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, das nossas leis.



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

Sob essa perspectiva, a palavra assume uma natureza singular: ela mesma, em sua própria realidade sónica, constitui-se em um ato bilateral, relacional. Assim, sua constituição se dá tanto em razão de quem a enuncia, como também em relação para quem ela é enunciada, isto é, sua orientação social, de maneira que ela própria, transformando-se em um produto verbal oriundo das inter-relações entre os parceiros comunicativos, desvela a própria relação entre os sujeitos do discurso. Evidencia-se a primazia da orientação social na formação discursiva, pois a formação e o funcionamento do enunciado se dão com fundamento no meio social mais próximo e na situação social mais ampla em que ele é proferido, de sorte que depende, intimamente, do início ao fim, da relação social existente entre os parceiros da comunicação. A situação social, sob esse prisma, engendra o enunciado do início ao fim, forçando-o a ressoar de um modo e não de outro, bem como impulsionando seu acabamento estilístico (VOLÓCHINOV, 2018).

Ora, é com fulcro nessa base epistemológica que a noção de estilo, tão cara aos estudos da língua, deve ser compreendida para os teóricos do Círculo⁵. Com efeito, a ideia de estilo não pode ser pensada dentro dos limites da linguística tradicional; antes, deve ser entendida fundamentada na concepção dialógico-discursiva, o que significa dizer que: o conceito de estilo vai muito além do sistema da língua, devendo ser compreendido na esfera da comunicação discursiva – dimensão real, autêntica e verdadeira da palavra, na qual ela não se encontra propriamente na consciência de uma só pessoa, mas na consciência discursiva entre pessoas –; o próprio estilo não configura uma imagem individual de homem, isolado do mundo, apartado do meio em que vive, mas sim, uma imagem de homem face a outro, face a um mundo com o qual ele estabelece distintas relações ideológico-valorativas, relações essas que serão refletidas – e refratadas – na escolha dos recursos linguísticos utilizados para a construção de seu enunciado (BRAIT, 2012).

Sob essa perspectiva, o estilo, entendido como os meios da língua que foram utilizados para a elaboração do enunciado, configura-se, antes de mais nada, com fundamento na relação axiológica que o enunciador tem com o meio social – tanto o mais próximo quanto o mais distante –, envolvendo, também aqui, os parceiros da comunicação. Sua natureza constitutivamente ideológico-dialógica enseja a ideia de que sua definição é de natureza social e de caráter apreciativo, já que as escolhas e seleções linguísticas representam a assunção de determinada posição valorativa face ao mundo da vida – saturado de vozes apreciativas, imbuídas cada qual de sua ideologia (FARACO, 2009).

Dessa forma, se os meios linguísticos que compõem o enunciado podem parecer, em um primeiro momento, a ideia total de estilo, representando a imagem de um homem, a análise dialógico-discursiva mostra que, em realidade, a dimensão linguística de estilo consiste em um invólucro, uma fina camada provocada e materializada por um núcleo saturado de ideologias e valores sociais, de sorte que a seleção dos recursos da língua desvela, em uma análise mais profunda, a relação do autor do enunciado com os acontecimentos da vida, com os valores do mundo, com o próprio espaço social em que se encontra e com os mais diversos enunciados que

⁵ Conquanto a fundamental importância de se entender a ideia de estilo associada ao conceito de “gêneros do discurso”, de modo a conceber quais gêneros são mais ou menos propícios para a manifestação do estilo do autor, optamos por focar, em vistas da análise do *corpus*, em reflexões sobre o estilo que enfatizem sua natureza dialógica e sua dimensão ideológico-valorativa.

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade compõem a cadeia de comunicação discursiva. Dessarte, a escolha do material linguístico está ligada aos procedimentos de acabamento e formação do mundo do enunciador, marcando discursivamente sua posição e, por consequência, concebendo efeitos de sentido que manifestam valores ideológico-sociais (CAMPOSTOSCANO, 2008).

Uma vez feitas essas breves considerações sobre o pensamento ideológico-discursivo do Círculo de Bakhtin, de sorte a compreender, com relativa profundidade, o conceito de enunciado – incluindo seus elementos constitutivos (estrutura composicional, estilo e conteúdo temático) e singularidades fundantes (conclusibilidade, expressividade e dialogicidade) –, a ideia de gêneros do discurso, o caráter ideológico do signo linguístico e a importância do meio social (contexto extraverbal e parceiros da comunicação) para a formação e desenvolvimento do discurso, pode-se, agora, tecer breves considerações sobre a biografia de Millôr Fernandes, a fim de, conhecendo um pouco de sua vida, atuação e trajetória, compreender sua produção discursiva sob o prisma oportunizado pelo pensamento do Círculo de Bakhtin.

3 Millôr Fernandes: um artista polivalente

O homem é o único animal que ri, e é rindo que ele mostra o animal que realmente é.
- Millôr Fernandes

Nascido em agosto de 1923 no bairro do Méier – que, pelo nome *Meyer*, seria figura marcada em suas produções –, Milton Viola Fernandes, logo que registrado, indiciou a figura Millôr: a caligrafia do tabelião que o registrara, pela similaridade entre as letras t e l, fez-lhe Millôr. Ao fim da adolescência, com seus 17 anos, fez do erro acidental escolha deliberada – assumiu, em definitivo, o nome do artista plural e pensador extraordinário que tanto traria risadas, reflexões e incômodos à sociedade brasileira: Millôr Fernandes (GAZETA, 2012).

Sua infância foi marcada por dificuldades e pela orfandade: aos dois anos, perde o pai, acontecimento que dificulta, não obstante os esforços da mãe, a condição social da família. Aos 12, sofre também a partida de sua genitora. As funestas experiências mexeram com o jovem garoto: considerou-se descrente, com a sensação de que Deus, em absoluto, não existia – fato que influenciaria, em maior ou menor medida, o ceticismo presente em suas produções artístico-jornalísticas (GAZETA, 2012).

Ainda criança, por volta de 13 anos, aficionado por histórias em quadrinhos – muito popularizadas na década de 1930 – e influenciado por seu tio, Millôr envia um desenho seu para o periódico *O Jornal*; aceito e publicado, o trabalho viria a ser sua primeira produção – que, inclusive, rendeu-lhe uns trocados (EBIOGRAFIA, 2022).

Sua vida no meio jornalístico começa, de fato, em 1938, quando Millôr, com então 15 anos, indicado pelo seu tio, é contratado pelo jornal de Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro*, “onde executa tarefas variadas da produção jornalística: escreve legendas, faz paginação e realiza trabalhos de office-boy” (ESCRITÓRIO, 2022). Enquanto trabalha no jornal em uma multiplicidade de afazeres, Millôr Fernandes, conscientizando-se da necessidade de se aperfeiçoar para dar



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

continuidade à sua carreira e crescer no meio, matricula-se no *Liceu de Artes e Ofícios*, local em que estuda de 1938 a 1943.

Aos 17 anos, em 1939, Millôr emplaca sua primeira publicação. Em razão de imprevistos e da necessidade de preencher uma página em branco, é convocado para escrever, com seu humor inteligente, em um espaço da revista *A Cigarra* – seu talento fora provado e aprovado. O sucesso, grande e rápido, garantiu-lhe uma coluna definida na revista, intitulada por ele “Poste Escrito”, rubricando como “Emmanuel Vão Gôgo” (EBIOGRAFIA, 2022).

Em meados da década de 1940, Millôr conquista, em definitivo, seu lugar na área jornalística com a seção denominada “O Pif-Paf” na revista brasileira *O Cruzeiro*. Junto com Péricles Maranhão, responsável, por determinado período, por fazer as ilustrações, o autor publica sob seu pseudônimo criado quando da coluna “Poste Escrito”: “Emmanuel Vão Gôgo” (EBIOGRAFIA, 2022).

No início da segunda metade da década de 1950, é premiado, dividindo o primeiro lugar com o americano Saul Steingberg, em um concurso de desenhos realizado pela Exposição Internacional do Museu da Caricatura de Buenos Aires. No ano posterior, organiza, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – ainda então capital do Brasil –, uma exposição com seus desenhos e pinturas. Pode-se dizer que, na qualidade de artista – bem como de caricaturista –, Millôr Fernandes “entende o desenho como uma forma de pensamento em papel e com ele mistura referências da alta e da baixa cultura em suas criações” (ESCRITÓRIO, 2022). Ainda nessa época, mais especificamente em 1958, torna-se responsável único pela seção “O Pif-Paf” – “um dos carros chefe da maior publicação nacional do período” (EBIOGRAFIA, 2022).

Em 1963, ano anterior ao Golpe Militar, Millôr publica, na revista *O Cruzeiro*, “A verdadeira história do paraíso”, a qual ironiza acidamente a história bíblica de Adão e Eva, recontando-a satiricamente. O conjunto de desenhos, considerado tempos depois uma obra-prima da iconoclastia, provoca forte reação da comunidade religiosa. A maré de indignação advinda da moral escandalizada causou a demissão de Millôr do jornal. À época, o artista fora acusado de fazer matéria “insultuosa às convicções religiosas do povo brasileiro”. A esse respeito:

[...] em 1963, deixa a revista em condições conflituosas. Em outubro desse ano, a própria revista publica *A Verdadeira História do Paraíso*, volume que reúne uma série de textos e ilustrações de Millôr criadas desde o final dos anos 1950 sobre a versão bíblica da criação do mundo. A história causa irritação a um grupo de católicos e, pressionado, o diretor Leão Gondim de Oliveira ordena a elaboração de editorial contra o artista, isentando-se da responsabilidade e alegando desconhecimento da publicação da história. Na Europa, Millôr sente-se indignado e na volta demite-se da revista, movendo ação judicial na qual sai vencedor (ESCRITÓRIO, 2022, online).

No ano seguinte, 1964, já instalada a Ditadura Militar, Millôr, afastado de *O Cruzeiro*, funda a irreverente revista *PifPaf*, reconhecida notadamente pelas críticas, ora lancinantes e corrosivas, ora debochadas, saturadas de humor, feitas ao cenário político e aos militares e seus aliados (ESCRITÓRIO, 2022). O tabloide, embora tenha tido vida curta – quatro meses e oito volumes –, teve dupla importância: mostrou o fundamental poder da crítica humorística, fato comprovado por seu fechamento pela censura, bem como serviu de inspiração para a fundação de *O Pasquim* – o qual fora, após sua criação, em 1969, um dos principais adversários da Ditadura Militar, dos

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade meios midiáticos convencionais, do *establishment* econômico e dos valores conservadores da sociedade brasileira – em especial a classe média carioca e paulista (BRASIL, 2012).

Com efeito, junto com nomes de peso como Jaguar, Sérgio Cabral, Ziraldo, Tarso de Castro, Paulo Francis e Henfil (além de muitos outros que contribuíram esporadicamente para o hebdomadário, como Glauber Rocha, Rubem Fonseca e Chico Buarque), Millôr Fernandes, nas produções de *O Pasquim*, conjugando humor com intelectualidade, satirizou e ironizou os valores e ideologias oficiais do período, como o capitalismo, o autoritarismo e o moralismo (BRASIL, 2012). Quando do famigerado episódio da “gripe do *Pasquim*”, no qual, em razão de uma paródia do quadro da Independência, de Pedro Américo, vários membros foram arbitrariamente presos, Millôr desempenhou uma função crucial no tabloide, acumulando funções, organizando as publicações e até mesmo tentando emular o estilo de alguns membros – os quais, em razão da legislação autoritária da época, não puderam ter divulgado o motivo de suas ausências (daí a justificativa da “gripe”, que afetou a redação do tabloide) (HYPENESS, 2020).

Em 1972, em um contexto de dificuldades econômicas, Millôr assume a direção do jornal, que então estava submetido à censura prévia – implementada em decorrência do episódio no qual, em um clima boêmio e carnavalesco, entrevistou-se Leila Diniz, que dialogou com muito humor e liberdade em um discurso repleto de palavrões (HYPENESS, 2020). Em 1975, devido a discordâncias com os membros do semanário, resolve sair.

Conquanto todo seu sucesso e engajamento no meio jornalístico, a produção de Millôr não se restringiu aos jornais e tabloides da época. Era também tradutor, fabulista, artista plástico, desenhista, dramaturgo. A respeito de sua produção literária de textos dramáticos, em especial no contexto da Ditadura Militar, observa-se que:

A realidade instalada no Brasil a partir do golpe de 1964 dá um novo rumo ao teatro de Millôr Fernandes: defensor do livre arbítrio, ele se torna, desde o início, um ferino questionador do esquema repressor que domina o país. O primeiro fruto desta atitude é *Liberdade, Liberdade*. Escrita com Flávio Rangel, que dirige o espetáculo montado no Grupo Opinião em 1965, está entre as obras pioneiras do teatro de resistência. Os autores conseguem obter uma coerente estrutura dramática com pequenos textos da literatura universal dedicados ao tema da liberdade, costurados com canções sobre o mesmo assunto, e com corrosivas piadas de Millôr e Rangel, aproximando as tomadas de posição de autores de outros tempos e países, da situação brasileira de 1965. Embora bastante questionado na época, por ser mais um show do que propriamente uma peça de teatro, *Liberdade, Liberdade* revela-se uma iniciativa seminal, que influencia fortemente a dramaturgia da década. O espetáculo faz enorme sucesso no Rio de Janeiro e em longa turnê pelo país, tendo tido desde então muitas novas montagens no Brasil e no exterior. Na mesma linha de coletânea, Millôr volta a alcançar sucesso com *O Homem do Princípio ao Fim*, com direção de Fernando Torres, 1966. A seleção de textos tem como denominador comum o ser humano diante de si mesmo e do universo, e é valorizada pela notável interpretação de Fernanda Montenegro (ENCICLÓPEDIA, 2022, online).

Como tradutor, seu trabalho é igualmente reconhecido e prestigiado, em especial no que diz respeito à tradução de obras dramáticas, compostas para serem



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

encenadas, no palco. Com efeito, no que diz respeito às traduções desse gênero literário, Millôr foi:

certamente o melhor e mais importante que o nosso teatro já teve; e também o mais prolífico, a ponto de ter transformado essa atividade num quase monopólio pessoal, no setor da produção teatral. O acervo de muitas dezenas de traduções, que vai do clássico - Rei Lear, de William Shakespeare - ao moderno - As Lágrimas Amargas de Petra von Kant, de Fassbinder, passando pelo musical - Chorus Line, de James Kirkwood e Nicholas Dante. Revela virtuosismo verbal e criatividade no ato de tornar autênticas e teatrais, no vernáculo, as falas criadas a partir de outras tradições e convenções idiomáticas. Às vezes ele interfere na escrita original, tornando-se quase um recriador; outras vezes, a sua tradução opta por um caminho mais discreto (ENCICLOPÉDIA, 2022, online)

Tendo trabalhado muitos anos para a revista *Veja*, sendo colaborador desde 1968, ano anterior à fundação de *O Pasquim*, Millôr é demitido. O episódio se deu quando das eleições para o governo do Rio de Janeiro; Millôr, contrariando os interesses da revista, não retirou o apoio público ao então candidato do PDT, Leonel Brizola – forte nome das pautas sociais, conhecidas como de esquerda. À época, o adversário de Brizola era Moreira Franco, candidato do PDS – criado após o fim do bipartidarismo como sucessor direto e natural do ARENA, partido situacionista do governo militar. Décadas depois, já no século XXI, Millôr volta à revista, contribuindo de 2004 a 2009 (EBIOGRAFIA, 2022).

Em 2011, é vitimado por um acidente vascular cerebral, que prejudica sua condição, deixando-o debilitado. Um ano depois, em 2012, aos 88 anos, morre em sua casa, no bairro do Ipanema – lugar que tanto se fez presente em suas produções (GAZETA, 2012)

Embora Millôr tenha sido, por excelência, um artista polivalente, de múltiplos domínios – escritor, desenhista, dramaturgo, tradutor, pensador, artista plástico e jornalista (atividade esta pela qual ele preferia ser chamado), não se pode pensar que sua produção seja estilizada, incoerente, como se entre suas diversas obras não houvesse liames que lhes fornecessem unicidade de sentido. De fato, em todas as áreas de produção verbal do artista, concebe-se um denominador comum: a conjugação singular entre humanismo, ceticismo e humor, os quais, fundidos umbilicalmente, manifestam-se em discursos críticos e irreverentes, elaborados estilisticamente com um domínio linguístico extraordinário (ENCICLOPÉDIA, 2022), ao passo que suas produções plásticas e desenhos retratam, na leveza e ousadia dos traços, uma manifesta criatividade, maestria e defesa da liberdade (ESCRITORIO, 2022).

Uma vez tecidas as considerações biográficas sobre Millôr Fernandes, passa-se, neste momento, à análise propriamente dita do *corpus* da pesquisa: os verbetes de Millôr Fernandes presentes em sua obra “Millôr definitivo: bíblia do caos” (1990). Com efeito, conjugadas com o conhecimento de vida do artista e jornalista, as reflexões realizadas no primeiro capítulo, que buscaram oferecer uma visão ao mesmo tempo ampla e orgânica do pensamento do Círculo de Bakhtin, oportunizam conceber as frases de Millôr sobre as mais diversas temáticas do mundo humano como enunciados que estabelecem relações de sentido as mais diversas com outros discursos, respondendo a outros dizeres sociais, posicionando-se ativamente face a

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade
outras vozes, refratando ideologicamente, com humor e genialidade, uma concepção
de vida singular. É o que se passa a ver a seguir.

4 A refração do caos milloriano: ceticismo, humor e criticidade

*Hábitat: eu não vivo em um espaço geográfico. Vivo
num espaço linguístico (FERNANDES, 2020, p.
264)*

Como visto no capítulo anterior, a produção artístico-jornalística de Millôr Fernandes foi marcada por uma bem elaborada crítica que, envolvendo referências de alta e baixa cultura, conjugando conhecimento e riso, ironizou, ora debochadamente, ora causticamente, os valores oficiais do período histórico-cultural que viveu, como o autoritarismo, o capitalismo e o moralismo. Nesse sentido, embora Millôr fosse um livre atirador (REVISTA, 2022, online), criticando livremente a tudo e a todos, sem prévias orientações ideológicas, destacam-se, como alvos principais de suas produções crítico-humorísticas, as instituições que refletiam – e refratavam – os valores dominantes do período, como o Estado, o modelo econômico vigente – o capitalismo – e a ideia tipicamente tradicional de família, envolvida em valores conservadores e religiosos.

Nesse contexto, o criativo trabalho de Millôr, realizado em várias esferas da produção artístico-jornalística e marcado pela íntima conjugação entre irreverência, ceticismo e humor, configura-se como um discurso cômico-pirrônico que, satirizando incoerências, fragilidades e hipocrisias, apresenta uma visão crítica, não oficial de mundo, não só propriamente desconcertada, mas deliberadamente contrária à ordem vigente das coisas. Embora toda a vastidão e complexidade de sua obra, a síntese de seu pensamento pode ser encontrada em seu livro lançado em 1994, intitulado “Millôr definitivo: a bíblia do caos”, no qual encontram-se inúmeros verbetes seus sobre os mais diversos assuntos, conceitos e ideias da vida humana. Nesse sentido, na obra, Millôr discorre, criativa e livremente, como em um dicionário às avessas, a respeito das mais diversas temáticas da vida, expondo seu pensamento, seus juízos, suas opiniões, de modo a formar uma imagem ideológica de homem, de vida e de mundo.

Millôr Fernandes, com efeito, em sua produção, reflete sobre as palavras não enquanto unidades da língua, cujos significados são estabilizados, mas, antes, compreende-as na esfera da comunicação discursiva, isto é, como unidades reais da língua viva, utilizadas pelas pessoas em uma dimensão eminentemente comunicativa. Dessa forma, o pensador realiza como que um dicionário às avessas: traz um compilado de caráter universal das mais diversas esferas da vida humana, não no sentido de buscar a significação mais ampla o possível, estabilizada e supostamente despojada de ideologias e valores, mas, em realidade, traz, em cada verbete, uma significação de caráter temático, singular, inserindo a palavra na esfera da comunicação discursiva e imbuindo-a, intencionalmente, de seus valores e opiniões, fazendo com que elas carreguem e representem, face ao mundo, suas ideologias.

Ora, ao se analisar os verbetes de Millôr Fernandes presentes em sua “Bíblia do Caos” sob o prisma oferecido pela teoria discursiva do Círculo de Bakhtin, pode-se identificá-los como verdadeiros enunciados que, profusamente dialógicos, respondem, ácida e corrosivamente, às significações cristalizadas das unidades da língua presentes em dicionários, cujas definições, supostamente estremes de ideologias, representam, em realidade, a significação ideológica oficial, isto é,



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

realizada no esforço de eliminar os conflitos valorativos presentes no signo linguístico, tornando-o monossêmico. Millôr, dessa forma, ao longo de toda sua obra, contraindo, com ceticismo e humor, as tentativas de cristalização das palavras, de fechamento e delimitação de seu significado, concebe-as enquanto signos linguísticos profusamente dialógico-ideológicos, haja vista que, respondendo às ideologias oficiais cujos valores sedimentam-se na significação dicionarista, manifesta seu posicionamento cômico-pirrônico, contrário à ordem oficial do mundo e à própria concepção de linguagem enquanto sistema estratificado, fixo, rígido.

Nesse contexto, vale trazer, à guisa de introdução, a própria definição de “dicionário” feita por Millôr (2020, p. 164):

As palavras nascem saudáveis e livres, crescem vagabundas e elásticas, vivem informes, informais e dinâmicas. Morrem quando contraem o câncer do significado definitivo e são recolhidas ao CTI dos dicionários.

A consciência do pensador sobre a vida das palavras torna-se manifesta: a instância de dicionarização de sua existência constitui-se o último momento de sua vida, de modo que é justamente quando seu significado é *definido*, isto é, quando são impostas *finitudes* ao seu campo semântico que elas perdem sua vivacidade, sua força. Nota-se, assim, que, para Millôr, as palavras não podem nascer no dicionário, como se dele elas fossem extraídas; o processo, de fato, é, justamente, o inverso, haja vista que se originam na interação verbal, na realidade da comunicação humana, em que são dotadas de energia e potência – advindas justamente de sua dinamicidade e elasticidade. Evidencia-se, nesse contexto, a compreensão discursiva de Millôr Fernandes a respeito da palavra, a qual vai ao encontro do pensamento do Círculo: enquanto signo linguístico, não se perfaz enquanto forma normativa idêntica – tal qual é concebido pelos teóricos da corrente objetivo-abstrata –, mas, antes, possui uma realidade mutável e flexível, responsável por lhe conferir dinamicidade semântica, ou seja, por conferir-lhe sua realidade constitutivamente polissêmica. Retirá-la da comunicação dialógica, isto é, da cadeia discursiva, composta por milhares de elos enunciativos, fixando-a e cristalizando-lhe o significado, significa, para Millôr, desvitalizá-la, debilitá-la.

Ressalta-se, nesse contexto, o próprio estilo de linguagem adotado por Millôr no acabamento axiológico de seu enunciado: o desenvolvimento natural da palavra, liberto e sadio, é vagabundo – e não no sentido de desprovido de virtudes morais, como sinônimo de canalha ou reles, mas de inconstante, volúvel, versátil –, dotado de elasticidade, de maneira que as fronteiras semânticas não são enrijecidas, podendo compreender, conforme a situação real comunicativa, o horizonte social (contexto discursivo concreto) e o propósito do enunciador, uma série de significados possíveis. A instância de dicionarização, ao contrário, é ambientada estilisticamente no campo semântico da doença e da morte, utilizadas para adjetivar a delimitação do significado, tornando-o definitivo.

O enunciado milloriano, nesse contexto, enseja, em certa medida, a reflexão teórica do Círculo de Bakhtin: a palavra, na dimensão discursiva, em que real e autenticamente vive – ou, nas palavras de Millôr, onde saudável e livremente nasce e se desenvolve –, constitui-se em um signo ideológico marcado por dinamicidade, o qual é advindo do próprio entrechoque apreciativo de distintas perspectivas valorativas, haja vista a faculdade inerente à língua de registrar os conflitos axiológicos

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

histórico-sociais em sua constituição, qualificando-se como uma arena ideológica. É exatamente no seio dessa sua natural capacidade que surge a refração, a responsividade sógnica, o sentido oblíquo-dialógico do signo, sua capacidade interpretativa, plurívoca. É esse caráter multissêmico do signo, o qual enseja sua dialogicidade, que é, para Millôr, afetado quando se dicionariza a palavra: as distintas acentuações axiológicas, os diferentes embates valorativos, a própria carga ideológica do signo apagam-se, desvanecem-se, visto que o significado definitivo esmaece o colorido mosaico do signo, tornando-o monocromático – o que leva, para Millôr, à perda de seu viço e força. O registro dicionarizado da palavra, nesse contexto, silencia as vozes que ecoam no signo, estabilizam seu sentido ao extremo, de maneira que, em vez de refratar a realidade, de interpretá-la apreciativamente, realiza-se um reflexo do mundo, como se a língua se lastreasse em tão somente um único quadrante semântico, de natureza única.

Pode-se pensar, a esse respeito, que a dicionarização da palavra corresponde ao esforço centrípeto por monologizar seu sentido, por torná-lo único e universal, de maneira que, engessando-o, também se engessassem os conflitos ideológico-valorativos, representando, por intermédio de uma linguagem normativa, uma realidade não conflituosa, estabilizada. Millôr, nesse sentido, realiza um esforço centrífugo: dissolve a calcificação do signo retirando-o da semântica fixa e universal do dicionário, resgatando-o para a esfera da comunicação discursiva, em que se torna, uma vez mais, flexível, dinâmico, policromático, com cada cor ensejando uma carga ideológico-valorativa distinta.

É justamente nesse sentido que Millôr cria, antiteticamente, o título da obra: “Bíblia do Caos”, uma obra de caráter fundante que compreende o caos de seu pensamento, entendido como energia discursiva centrífuga contrária à organização cósmica centrípeta promovida pelo dicionário. O caos, assim, representa a concepção viva, plural, dinâmica das palavras, presentes na real interação discursiva, como se a desordem fosse a realidade natural da língua, já que a organização universal a limitaria, enfraqueceria.

Millôr Fernandes, com efeito, privilegia a realidade verbal enquanto interação, ato comunicativo real. Nesse sentido, traz, a respeito da palavra língua, o seguinte pensamento: “Só existe uma língua, a falada” (FERNANDES, 2020). Como se pode perceber, o pensador atribui à fala, como representação do ato comunicativo real e espontâneo, o primado da linguagem, sua autêntica e verídica existência, como se, ao ser sistematizada, retirada do fluxo discursivo vivo, a língua se desnaturasse, perdesse sua essência. Nota-se, nesse contexto, que Millôr critica uma concepção objetivo-abstrata da língua, para a qual o núcleo fundante e gravitacional da linguagem consistiria no próprio sistema da língua, composto ordenadamente por formas linguísticas idênticas e normativas, ensejando uma compreensão gramatical. Ora, o fenômeno da linguagem, para Millôr, não pode residir em sistemas formais, normativos, em que as palavras tenham uma dimensão eminentemente gramatical, privilegiando aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. A verdade da língua está, assim, para o pensador, no ato comunicativo, na fala, entendida como manifestação privilegiada da comunicação, dada sua espontaneidade e toda a criatividade linguística que lhe é inerente.

Não se pode pensar, todavia, que sua concepção sobre o ato de fala identifique-se com o pensamento subjetivo-individualista, como se ele, sendo totalmente criativo e puramente individual, expressão do interior, isto é, monológico, independesse do contexto comunicativo real, do horizonte social e da existência dos



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

interlocutores, parceiros da comunicação. Nesse sentido, a fim de estabelecer possíveis aproximações com a teoria discursiva bakhtiniana, vale observar o conceito que ele traz sobre a palavra “fala”, extraído do enunciado proferido pelo personagem Mário, de sua peça teatral intitulada “É...”⁶:

Falamos com o olho na audiência e na situação. Usamos as palavras para obter adesões e ocultar ideias. Transmitimos imagens desfocadas, adulteradas, ideias geradas pela própria dinâmica vocabular. Tudo com palavras cujo sentido não é o mesmo pra nós e pra quem ouve. A informação nos chega reles e intencionalizada. E nós a retransmitimos reduzida ou ampliada, flexionada ou endurecida, colorida ou desbotada [...] (MILLÔR, 2020, p. 225).

Observa-se que o dizer do personagem transcrito representa, em certa medida, a compreensão dialógico-discursiva do Círculo a respeito da natureza do enunciado: seu nascimento e desenvolvimento dá-se em um horizonte social, em um contexto extraverbal valorativo o qual influencia, de fora para dentro, constitutivamente, a sua formação, de modo que a audiência e a situação, condições sociais, influenciam em todos os aspectos o enunciado, fazendo-o soar de um ou outro modo. A continuidade do enunciado também promove reflexões interessantes: a própria dinâmica vocabular, inerente ao discurso, enseja essa polissemia sígnica, engendrando, conseqüentemente, imagens desfocadas e adulteradas, resultado da própria ausência de identificação das palavras quando presentes no campo discursivo. Ora, essa plasticidade do sentido da palavra, essa ausência de precisa identificação semântica pode ser pensada como a própria refração constitutiva do signo linguístico, haja vista que ele não decalca a realidade, mas interpreta-a sob inúmeros e distintos prismas, ensejando distintas imagens – as quais, nas palavras de Millôr, são dadas como desfocadas, adulteradas. Esse fenômeno advém, nesse contexto, da própria dialogicidade constitutiva do signo linguístico quando inserido no contexto da comunicação discursiva: o próprio raio enunciativo lançado não é capaz de encontrar-se diretamente com o objeto do mundo da vida, uma vez que esse sempre se encontra envolto em um meio axiologicamente denso, saturado de vozes, apreciações e entonações; além do mais, a própria compreensão do signo linguístico pelo parceiro da comunicação enseja outro desfoque, posto que sua compreensão se dá em um fundo aperceptivo expressivo-objetual, composto não por mecanismos linguísticos e formas idênticas, mas por signos ideológicos.

Uma vez tecidas essas considerações discursivas com fundamento nos estudos do Círculo a respeito da compreensão que Millôr Fernandes possui da linguagem, seu modo de concebê-la e avaliá-la, ensejando reflexões, passa-se, agora, a analisar, mais especificamente, alguns enunciados trazidos pelo autor sobre uma

⁶ Escrita em 1975 a pedido do casal Fernanda Montenegro e Fernando Torres, sendo considerada uma das peças mais consagradas já escrita pelo autor, “É...” foi considerada, pela crítica, como em uma peça de costumes que abordaria, como um romance de boulevard, a relação de casais. Millôr, todavia, respondeu revoltosamente às críticas, alegando que, além de não se poder limitar tão facilmente a natureza de seu texto, ele era, sobretudo, um discurso a respeito da falência das ideologias, entendidas, nesse contexto, não como os teóricos do Círculo a concebem, mas enquanto uma teoria política que orientasse fielmente as ações humanas. De acordo com Millôr, o desenvolvimento do texto mostra, sobretudo, a inutilidade da teoria face à vida humana, marcada pela contingencialidade e pelo absurdo (PINHEIRO, 2015)

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade temática específica do mundo da vida: o casamento, entendido como relação conjugal oficial. Nesse sentido, busca-se entender melhor como seu discurso se (des)organiza, em relação a quais vozes ele dialogicamente se constitui, como ele se posiciona ideologicamente – e, conseqüentemente, quais vozes ideológicas ele responde –, bem como qual movimento discursivo ele engendra – centrípeto ou centrífugo –, bem como o modo pelo qual ele o faz e quais os efeitos de sentido que são criados.

4.1 A refração não oficial da vida conjugal

Como visto anteriormente, Millôr dissolve o significado engessado da palavra, retirando-a da instância dicionarizada e promovendo sua significação temática, inserida no contexto da comunicação discursiva, enfatizando sua constituição sócio-ideológica, isto é, que significa refrativamente em relação a outras vozes, de modo a ressaltar o conflito ideológico-interpretativo que lhe é inerente. Ao se cotejar, com fundamento na teoria discursivo-dialógica, as significações trazidas pelos verbetes dos dicionários com as definições temáticas produzidas por Millôr, pode-se identificar relações de sentido, as quais revelam, dialogicamente, o posicionamento ideológico-valorativo de Millôr face ao mundo, consubstanciado em seus discursos. Assim, dada a realidade ideológica do signo, sua capacidade de refratar a realidade, refletir discursivo-dialogicamente sobre os enunciados millorianos enseja não só reflexões linguísticas, mas também sociais, históricas e culturais, de modo que a descalcificação oficial da palavra por ele promovida por intermédio de sua elaboração temática desvela, necessariamente, uma interpretação ideológica da realidade e dos objetos do mundo humano. Com efeito, em seus enunciados não só se ausculta a voz centrípeta e oficial que buscou estabilizar aquele signo, mas a própria responsividade de Millôr à essa voz, a qual, ao se manifestar sobretudo estilisticamente, apresenta uma compreensão ideológico-axiológica de mundo, possibilitando identificar as características típicas do discurso milloriano e os valores que ele carrega – bem como a quais ele se opõe.

Ao se ler os enunciados de Millôr, nota-se que um dos campos semânticos que mais se destaca em sua obra é o da relação conjugal, sobretudo a oficial, que se materializa no casamento, termo que, além de possuir uma (in)definição composta por vários enunciados, demonstrando toda a produção de Millôr a respeito, aparece em mais 13 enunciados, os quais tangenciam a temática – sem prejuízo de inúmeras palavras que pertencem ao mesmo campo semântico e que mantêm relações de sentido profícuas com a ideia de casamento, como será visto. Com efeito, essa instituição configura-se, na vida social, como eminentemente conservadora, tradicionalista, arraigada em preceitos morais e religiosos; a ideia de matrimônio, nesse sentido, apresenta-se como representação da união conjugal oficial perante o Estado, a sociedade e as tradições religiosas, sendo caracterizado como um símbolo de união de valores éticos, como fidelidade, bem como da busca pela felicidade dos cônjuges e a formação da família – entidade igualmente tradicionalista e permeada de discursos conservadores. O dicionário Houaiss (2001, p. 641) traz, nesse sentido, a seguinte definição de casamento:

casamento *s.m.* (950 cf.jm3) **1.** ato um efeito de casar **2.** vínculo conjugal entre um homem e uma mulher **2.1** JUR união voluntária de um homem e uma mulher, nas condições sancionadas pelo direito, de modo que se estabeleça uma família legítima **3.** *p.ext.* qualquer relação comparável à de marido e mulher **4** *p.ext.* o ritual que confere o *status* de casado, esp. a



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C. cerimônia de casamento e suas festividades 5 *fig.* Associação, aliança [...] 6 *fig.* combinação harmoniosa de duas ou mais coisas; união estreita e íntima [...]

Como se pode notar, a significação trazida pelo dicionário é tanto mais universal e cristalizada quanto o possível; todavia, embora a existência de termos que ensejem essa largueza semântica, como “ato ou efeito”, “vínculo conjugal”, “união voluntária”, “qualquer relação”, não se pode pensar que a tendência semântica universal neutralize o vocábulo, tornando-o não ideológico, como uma palavra neutra, de natureza eminentemente lexicográfica. Ora, já a segunda definição traz o vínculo conjugal entre homem e mulher, consubstanciando em valores religiosos, de natureza conservadora; a próxima acepção que se traz é a jurídica, também conservadora, a qual postula a presença dos cônjuges como homem e mulher, que, nas condições previstas juridicamente, podem, ao casar, constituir uma família legítima – outro termo que expõe compreensões ideológicas, privilegiando alguns tipos de relação em detrimento de outros. Somente na terceira definição que se traz a possibilidade de casamento homossexual, isto é, entre cônjuges do mesmo sexo. Nota-se, por fim, que o quinto tópico traz os símbolos de associação e aliança, que representam o sentido trazido logo em seguida, de harmonia, consonância. Millôr Fernandes (2020, p. 82-82), por sua vez, em sua “Bíblia do Caos”, traz as seguintes definições:

“O pior casamento é o que dá certo”; “A felicidade conjugal só é possível a três”; “o casamento é essa instituição em que as pessoas casadas colaboram permanentemente pra destruir”; “Quando duas pessoas são casadas há vários anos, não se veem há muito tempo”; “quando o matrimônio é por interesse devia se chamar patrimônio”; “A felicidade conjugal é extremamente difícil. Mas, quando existe, é extraconjugal!”; “A opulência e a felicidade um dia se casaram – quando a relação acabou, a opulência estava na miséria e a felicidade, desgraçada.”; “O pior ano da vida de casado é este”.

A diferença entre os discursos é manifesta. Com efeito, Millôr não elabora seu discurso de modo a tratar a ideia de casamento em um plano abstrato, anterior e universal, mas, sim, de maneira concreta, engendrando um discurso sobre a temática do casamento dentro do mundo da vida, inserido na realidade extraverbal; ora, é justamente nessa esfera em que o signo adquire toda a ideologia de Millôr: carregado de ceticismo e ironia, dissolve e corrói não só as definições oficiais, o significado cristalizado, mas também os discursos sociais do senso comum, que enxergam o casamento como uma instituição sagrada que, erigida com fundamento em certos valores e preceitos conservadores e tradicionalistas, como a fidelidade conjugal, busca a felicidade comum, do casal.

Ora, Millôr inverte todo o pensamento tradicional. Já no primeiro enunciado, colocando às avessas a noção de casamento mal sucedido, ao conceituá-lo ironicamente como sendo justo o que deu certo, Millôr revela sua incredulidade quanto à possibilidade de o casamento levar à felicidade, de modo que, em realidade, seria melhor, para os próprios cônjuges, o casamento não dar certo. O segundo enunciado, por sua vez, lança-se contra a própria combinação de felicidade e fidelidade conjugal; essas, sob a perspectiva cética de Millôr, não podem andar juntas: a única possibilidade de felicidade conjugal só é possível por intermédio de uma relação extraconjugal – rompendo o próprio vínculo do casamento e um de seus valores mais importantes: a fidelidade. O terceiro enunciado, a seu turno, inverte a

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

noção de que, no casamento, as pessoas vivem uma vida em comum para promoverem a felicidade um do outro e do próprio casal, de modo a buscar, com fundamento nos valores da instituição, a realização comum; Millôr, nesse caso, não só rebate, mas altera de maneira diametral a ideia, evidenciando que a colaboração permanente é, em realidade, para a própria destruição. Sem prejuízo de todos os enunciados trazidos sobre a temática do casamento, destaca-se o sétimo, em que Millôr brinca que a felicidade e a opulência teriam se casado: o casamento não só os desnaturou, mas transformou-os em seus contrários, arruinando-os. Por fim, vale a pena trazer também o último enunciado de Millôr; nele, o autor realiza uma brincadeira com o pronome demonstrativo “este”, explorando, comicamente, sua natureza dêitica: ora, o pior ano da vida de casado é sempre aquele em que ocorre o momento da leitura do enunciado, de modo que o *status* negativo e danoso do casamento é sempre presentificado, inexistindo possibilidade de haver anos melhores para aqueles que se casam.

Nesse mesmo contexto semântico, destaca-se o enunciado por ele elaborado a respeito da palavra *cônjuge*: “no dia em que morre um dos *cônjuges*, aí começa a felicidade conjugal” (FERNANDES, 2020, p. 116). A inversão por ele elaborada em relação ao discurso oficial e comum de *cônjuge* é patente. Com efeito, Millôr subverte totalmente as expectativas sociais a respeito do relacionamento conjugal, fazendo troça com os discursos comuns do cotidiano que carregam os valores usuais e costumeiros das pessoas sobre a temática, isto é, de que a morte de um dos *cônjuges* leva à tristeza e ao luto do outro. Como se pode perceber, não há uma definição de pretensão universal e estabilizada, mas sim, um enunciado que, profusamente dialógico, responde ironizando os discursos comuns, oficiais, que tendem a ser apresentados como únicos. Nesse sentido, Millôr, ao desestabilizar a palavra, insere-a na cadeia da comunicação discursiva, ressaltando sua natureza *sígnico-refrativa* de modo a ensejar um conflito discursivo-ideológico: a felicidade conjugal se dá, própria e antiteticamente, fora do tempo em que há a relação conjugal, de maneira que, contra todas as expectativas sociais, a felicidade adviria, absurdamente, com a morte do *cônjuge*. Percebe-se, nessa continuidade, que Millôr explora a capacidade refrativa do signo, atribuindo-lhe sua ironia e ceticismo para demonstrar uma outra versão, às avessas e absurda, da felicidade conjugal.

Nessa senda, observa-se, em uma mesma perceptiva refrativa cômico-crítica, o enunciado por ele elaborado a respeito da palavra *esposa*: “é fundamental, e às vezes até maravilhoso, a gente possuir uma esposa. Sobretudo quando não é casado.” (FERNANDES, 2020, p. 204). Como se pode notar, Millôr desvincula a ideia de *esposa* da ideia de casamento, subvertendo-lhe a significação temática comum, que enseja as imagens de *esposo* e *esposa* como *cônjuges* oficiais, *status* adquirido por intermédio da instituição do casamento, de modo a ressaltar, avessamente, um conceito de *esposa* que reside fora das relações oficiais e formais. Ora, uma vez promovida essa desvinculação e realizada a desassociação, o signo passa a refratar uma nova realidade ideológica, às avessas, em que se contesta a oficialidade do termo e lhe são atribuídos novos sentidos, ligados, sobretudo, à liberdade sexual. Observa-se, ainda, que Millôr utiliza a locução pronominal “a gente”, promovendo sua inclusão no grupo, destacando, de maneira explícita, sua própria compreensão e identificação valorativa sobre a ideia. O humor, nesse sentido, é obtido por intermédio da inversão, da transformação radical dos sentidos da palavra, pela substituição dos conceitos e valores a ela associados, fenômeno que engendra uma responsividade dialógica centrífuga aos discursos oficiais, expondo uma realidade ideológica reversa.



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

Sobre a palavra fidelidade, Millôr (2020, p. 233) ironiza: “o preço da fidelidade é a eterna chateação; o preço da fidelidade é a eterna vigilância”. Em relação à virtude ora em questão, pilar da instituição do casamento, nota-se que o pensador lhe retira todo o caráter ético, toda a dimensão moral, para colocá-la como algo que somente pode ser alcançado por intermédio da chateação e da vigilância, isto é, do apequenamento existencial e de um exercício de vigia, como se ela não fosse natural e sincera, e, sim, forçada, obtida por intermédio de constrangimentos existenciais e sociais. Estabelece-se, nesse sentido, uma relação dialógica crítica e irônica em relação aos discursos oficiais, que pregam sua nobreza como virtude e o seu caráter ético, obtido pela própria vontade conjugal, como concessão espontânea e amorosa. Millôr, desse modo, revela uma outra realidade valorativa sobre a própria virtude, uma outra refração, muito mais cética, pirrônica, que desconfia da superfície das relações, de seu caráter oficial.

Como se pode verificar, Millôr retira as palavras da instância dicionarizada, cristalizada, estabilizada e de tendência universal, para inseri-las no mundo da vida, como signos linguísticos que refratam os seus valores e suas ideologias frente ao mundo em que vive e às demais vozes que nele habitam. Desse modo, há uma elaboração enunciativa que explora temática e dialogicamente os signos, inserindo-os na cadeia discursiva como elos que respondem crítica e ironicamente os discursos oficiais, que se situam na superfície das relações, engendrando, conseqüentemente, uma refração outra da existência humana, revelando um lado não oficial da vida, escondido e encoberto. É nesse contexto em que Millôr elabora seu discurso em oposição aos oficiais, respondendo aos preceitos e valores tradicionais, ortodoxos, que se agregam e consolidam na figura do casamento e nas ideias a ele associadas. Todos os enunciados millorianos sobre a temática, nesse sentido, respondem centrifugamente, de maneira ácida e cética, aos discursos que pregam, unilateralmente, a beleza e a maravilha do casamento, que enaltecem os valores e virtudes a ele associados, como a fidelidade, a felicidade e a realização comum. Assim, o discurso de Millôr Fernandes promove uma derrisão crítica do casamento, denunciando – de maneira caricata –, suas fragilidades e incoerências.

O pensador, de fato, lança um olhar cético para a instituição do casamento, sobre seus próprios alicerces, lastros e propósitos. Nesse sentido, desconfiando e zombando dos valores e princípios da instituição conjugal em seus enunciados, Millôr responde, de maneira cético-cômica, aos discursos conservadores, oficiais, que a glorificam e pregam os seus preceitos. Millôr utiliza-se do recurso do humor, nesse contexto, justamente para duvidar, para mostrar satiricamente um outro lado, não oficial, às avessas, da instituição, colocando em xeque os valores formais que imbuem a ideia oficial de casamento: felicidade, fidelidade e realização comum. Configura-se, assim, uma interpretação refrativa não só desconcertada da instituição, mas própria e deliberadamente contrária às refrações oficiais e usuais, engendrando-se um discurso ácido, corrosivo, que contesta e polemiza com os discursos oficiais, tradicionais, representantes das concepções comuns, e, na perspectiva do autor, ingênuas, de casamento.

5 Considerações finais

O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

A presente pesquisa teve como propósito compreender, com base na teoria dialógico-discursiva do Círculo de Bakhtin, o discurso de Millôr Fernandes presente em sua obra “Millôr Definitivo: a bíblia do caos” (2020). Nesse sentido, o objetivo que moveu esta pesquisa consistiu em: primeiro, compreender a concepção de língua do autor, identificando em quais quadrantes teóricos se lastreia e quais efeitos de sentido são construídos; segundo, analisar alguns dos enunciados millorianos pertencentes ao campo semântico da vida conjugal oficial, representada na instituição do casamento e nos valores e afetos que lhe são associados, como fidelidade, e em ideias correlatas, como cônjuge e esposo(a).

Realizou-se, assim, uma análise dialógico-discursiva da produção milloriana, concebendo os verbetes do dicionário – às avessas – como enunciados dialógicos que contestam, de maneira pirrônica e humorística, a definição ideológica oficial de casamento, cristalizada, centripetamente, na definição dicionarizada, e os discursos conservadores mais difundidos sobre a relação conjugal, que veiculam ideologias oficiais. Nessa razão, o problema da pesquisa constituiu-se em compreender dialógico-discursivamente os enunciados millorianos sobre a ideia de casamento, de modo a evidenciar com quais vozes dialogam, qual tipo de relação dialógica é estabelecida, quais valores e ideologias promovem e quais, conseqüentemente, contestam, bem como qual cosmovisão, paradigma ideológico, delineiam.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que o discurso milloriano em sua “Bíblia do Caos” engendra-se justamente por intermédio da retirada das palavras da instância dicionarizada, cristalizada, estabilizada e de tendência universal, com sua conseqüente inserção na realidade discursiva, como signos linguísticos que refratam os valores e as ideologias de Millôr face ao mundo em que vive e às demais vozes que nele coexistem. Dessa maneira, há uma elaboração enunciativa que explora temática e dialogicamente os signos, colocando-os na cadeia discursiva como elos que respondem crítica e ironicamente aos discursos oficiais, que se situam na superfície das relações, promovendo, por conseqüência, uma refração outra da existência humana, revelando um lado não oficial da vida, escondido e encoberto.

Nesse contexto, demonstrou-se o funcionamento e a concretização do fenômeno dialógico-discursivo no discurso milloriano, em especial no campo semântico relativo à ideia de casamento, identificando, como principais recursos estilísticos utilizados pelo autor, a conjugação entre humor e ceticismo, os quais fundem-se na ironia. Ademais, apresentou-se que os enunciados millorianos a respeito da temática do casamento se concebem dialógico-centrifugamente em relação às vozes conservadoras, tipicamente oficiais, de modo a zombar-lhes, demonstrando suas fragilidades e hipocrisias e, por conseqüência, engendrando uma refração outra da vida, não oficial.

Destaca-se, como contribuição trazida pela investigação científica, a compreensão da natureza dialógico-centrífrica do discurso de Millôr Fernandes, o qual, elaborado sobretudo com fundamento nos pilares do humor, ceticismo e criticidade, contesta a concepção oficial, centripeta e conservadora, de língua, isto é, aquela que (não) vive no dicionário, em que adquire a dimensão cristalizada e estabilizada, pretensamente universal, a-histórica e isenta de ideologias. Nesse sentido, evidenciou-se que, para Millôr, a língua vive justamente na dimensão comunicativa, na interação verbal, de natureza real, sendo composta por signos linguísticos profusamente dialógico-ideológicos.



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.

Destaca-se, também, a sátira milloriana a respeito dos discursos oficiais, de constituição monológico-centrípeto, sobre a ideia de casamento, representação oficial da vida conjugal – preconizada e defendida pelas vozes conservadoras e tradicionalistas: Millôr aborda, por intermédio do riso sarcástico, o usualmente não dito, não difundido, não exposto, isto é, aquilo que habitualmente é encoberto, explorando as fragilidades das instituições e um lado da vida social que, embora não falado, é constitutivo do humano e das relações interpessoais. O discurso milloriano, dessa maneira, configura-se como pirrônico justamente na medida em que promove a dúvida incisiva e cáustica sobre o que é afirmado e verbalizado oficialmente, socialmente exposto e firmado como absoluto, completo, definitivo: a perfeição do casamento, seu caráter sempre virtuoso, espontâneo e puro.

Millôr, assim, responde centrifugamente, de modo ácido e cético, aos discursos monológicos oficiais que pregam, unilateralmente, as absolutas “belezas” e “maravilhas” do casamento, que enaltecem, em absoluto, os valores que se lhe associam, como a fidelidade, a felicidade e a realização comum. Assim, o discurso milloriano corrói, em uma derrisão crítica, os alicerces do edifício do casamento, denunciado, de maneira caricata, suas incoerências. O ceticismo, nesse sentido, torna-se a ponta de lança da crítica do pensador; é justamente por intermédio dele que o autor esgrima, pungentemente, os próprios alicerces, lastros e propósitos da instituição do casamento, zombando e desconfiando de seu caráter supostamente perfeito – aquele que é, pelas vozes oficiais, centrípetas, pregado como único. Evidenciou-se, dessa maneira, que Millôr coloca em xeque os valores formais que imbuem a ideia oficial de casamento: felicidade, fidelidade e realização comum, de modo que seu discurso se configura como uma interpretação refrativa desconcertada dessa instituição oficial – e, por metonímia, de próprio mundo e vida oficiais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BRAIT, BETH. Estilo. In: _____. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012

BRASIL, Bruno. *A breve história e a caracterização d'O Pasquim*. Publicações Seriadas da Fundação Biblioteca Nacional. n.6, 2012, p.159-176

CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia Furquim. *O percurso dos gêneros do discurso publicitário: considerações sobre as propagandas da Coca-Cola*. 2008. 206 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.



O DISCURSO DE MILLÔR FERNANDES: ceticismo, humor e criticidade

EBIOGRAFIA. *Millôr Fernandes*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/millor_fernandes/. Acesso em 11 de maio de 2022.

ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. *Millôr Fernandes*. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3110/millor-fernandes>. Acesso em 11 de maio de 2022.

ESCRITÓRIO de arte.com. *Millôr Fernandes*. Disponível em: <https://www.escrioriodearte.com/artista/millor-fernandes>

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a bíblia do Caos*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GAZETA do povo. *País perde a graça de Millôr*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pais-perde-a-graca-de-millor-8h1isrq2o9a7mq1khpqnu93da/>. Acesso em 11 de maio de 2022.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYPENESS. *O Pasquim: jornal de humor que desafiou a ditadura ganha exposição em SP ao completar 50 anos*. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/12/o-pasquim-a-incrivel-historia-do-jornal-dehumor-que-desafiou-a-ditadura-e-ganha-exposicao-em-sp-ao-completar-50-anos/>. Acesso em 08 de jun. de 2020.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2012

MOLON, N.D.; VIANNA, R. (2012). *O círculo de Bakhtin e a linguística aplicada*. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso 7 (2). Dez 2012

PEREIRA, R. A., & RODRIGUES, R. H. (2010). *Os gêneros do discurso sob perspectiva da análise dialógica de discurso do círculo de bakhtin*. Letras, (40), 147–162.

PINHEIRO, Gabriela Maria Lisboa. *Caminhos de Millôr Fernandes pela dramaturgia: uma leitura das peças “Um Elefante no Caos”, “É...” e “Os Órfãos de Jânio”*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Acesso em 29/09/2022.

REVISTA Espaço Acadêmico. 2022. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2017/04/26/cinco-anos-sem-millor-fernandes/>. Acesso em 28 de ago. 2022.

[Digite texto]



CARVALHO, E. V.; BATISTA, G. H. M.; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. C.
PONZIO, Augusto. *A Revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In:_____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.